

MATO ELES? (1982), de Sérgio Bianchi

Julia Porchat Knudsen¹

Mato Eles? é o terceiro filme na carreira do diretor Sérgio Bianchi e foi produzido pela sua produtora. O documentário dura 34 minutos e foi filmado em 16mm. Trata da situação da Reserva Indígena de Mangueirinha, da FUNAI², no Paraná. A direção de fotografia é de Pedro Farkas e a narração é de Arnaldo Jabor.

Sérgio Bianchi é um cineasta brasileiro formado pela Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo em 1972. Seu primeiro longa, chamado *Maldita Coincidência*, estreou em 1979, e abordava o estilo de vida "underground" em São Paulo no final dos anos 70 e auge da ditadura militar. Dentre outros títulos mais reconhecidos do diretor, temos *Cronicamente Inviável* (2000) e *Quanto vale ou é por quilo?* (2004). Seus filmes possuem uma atitude crítica e provocativa frente a questões polêmicas. Em *Cronicamente*, Bianchi questiona as relações entre diferentes classes sociais no Brasil. Já em *Quanto vale*, ele traça um paralelo entre o papel do negro nos dias atuais e na época da escravidão mostrando que pouco mudou.

Mato Eles? mostra, através de uma provocativa estrutura estética que abordarei adiante, como os índios da região de Mangueirinha foram confinados pela sociedade branca em uma terra sobre a qual sequer tinham o direito legal de propriedade. Há uma serralheria na reserva que deveria ser administrada pelos índios e cujo lucro deveria se voltar à comunidade. Para abordar essa questão, o diretor se utiliza da estrutura de entrevistas com diversas figuras relevantes para a discussão, como os administradores e funcionários da serralheria, líderes indígenas, figuras políticas, fazendeiros, capangas, entre outros. Essas entrevistas, são intercaladas com imagens da paisagem e cartelas com uma espécie de quiz para o espectador, lembrando os testes de múltipla escolha dos vestibulares e os programas de auditório na televisão, as quais incitam, aparentemente, a interação com o espectador.

A construção das entrevistas é feita de modo a mostrar que o que é dito pelo governo é muito diferente do que acontece. Isso ocorre, por exemplo, na entrevista com um oficial do estado, que lê o documento com um diagnóstico sobre a situação

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto "Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar" (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em 2017.

² Sobre o assunto ver <http://www.funai.gov.br/>, acesso em 23/02/2017.

da reserva indígena. O espectador, nesse momento, desautoriza sua fala, pois já escutou os depoimentos dos índios, provando que há uma incoerência tremenda. Com isso, Bianchi discute a condição negligenciada e precária dos índios no período e o conflito e disputa de terras: se era dito que os índios deveriam ser protegidos, os seus depoimentos mostram que suas terras são dominadas por famílias abastadas que exploram comercialmente a serralheria e as plantações. Essa exploração é clara: por meio dos testemunhos dos nativos, o espectador sabe do falecimento do cacique que lutava e reclamava pela garantia de direitos em razão de um pretense acidente. Esse fato, contado no início de *Mato Eles?*, cria um clima de tensão e instaura uma dialética que continua até o seu fim.

A linguagem cinematográfica adotada por Bianchi dialoga em alguns aspectos com a estética brechtiana. Existe uma atitude em *Mato Eles?* de provocar o espectador a adotar uma atitude crítica e lembrá-lo de que ele está assistindo a uma obra cinematográfica, isto é, há uma rejeição de uma linguagem mais ilusionista e transparente do cinema clássico. É a ideia de transformar o público, ao invés de satisfazê-lo. Para tanto, Bianchi faz o uso de alguns elementos significativos dessa estética, a qual fica muito evidente no filme *Acossado* (1960, de Jean-Luc Godard), difícil de não ser lembrado pelo espectador ao assistir o filme. Em *Mato Eles?* há o uso, por exemplo, de cortes abruptos e jump cuts, que chamam atenção para o dispositivo da linguagem. Outro elemento que chama atenção é a evidência do aparato cinematográfico, quando, por exemplo, vemos um microfone durante a entrevista ou quando há a voz do diretor falando palavras tipicamente utilizadas em momentos que serão descartados pela montagem, como "ação" e "corta".

Além disso, há o uso de cartelas durante o filme inteiro, interrompendo as entrevistas, e trazendo questionários e suas respectivas alternativas. É perceptível o caráter provocador do diretor, o qual se utiliza desse jogo de pergunta e resposta para embutir sua tese no filme. Isso fica explícito pelo uso de ironia, como dissemos, nas alternativas e pelo estilo quase didático de Bianchi. O uso de cartelas, por mais que não assumam a função de titular as partes, de uma certa forma segmentam o filme, vindo na maioria das vezes entre duas entrevistas.

O filme expõe uma situação complicada e sem solução clara: a nossa sociedade branca não reconhece os índios como iguais. Nossas instituições para cuidar dessa questão estão falidas. Um índio, no fim do filme, diz que vê o futuro da comunidade como eles tornando-se mendigos por não se encaixarem em nenhuma

alternativa possível. Resistir lhes soa impossível. Como afirmam César Takemoto e Edu Otsuka,

Mato Eles? (1982) é um filme cujo título parece figurar como a verdadeira pergunta que se põe por detrás da assim chamada Questão Indígena no Brasil. A pergunta aponta, por assim dizer, para o lado obscuro dessa Questão, explicitando, pelo seu suposto sujeito da enunciação, o quanto ela é mais propriamente Branca do que Indígena. É a pergunta obscena que a “civilização” brasileira se põe, e talvez sempre tenha se posto, do que fazer com a população nativa do território americano incorporado no processo histórico de expansão dos mercados mundiais. Pergunta crucial, ainda que obscena, pois revela em si mesma, como possibilidade sempre renovada, a matriz genocida da formação do nosso estado nacional. É dessa pergunta que parece partir o filme de Sergio Bianchi, mas ela continuará a ecoar na película até o fim.³

Na conclusão do filme o diretor se inclui nessa crítica à nossa relação com os índios quando decide manter no filme a pergunta de um índio que indaga: quanto Bianchi ganharia para filmá-los? Ressalta a posição de estranho do diretor e da equipe em meio àquela comunidade. Mesmo que a intenção fosse fazer um retrato de denúncia e de preocupação com os indígenas, o índio declara que não são iguais porque ele não se sente um igual. Ele sabe que é um objeto de estudo, fascínio e - recitado acidamente no fim da obra por uma narração em off enquanto vemos o clipe de um homem limpando sua espingarda - é um objeto a ser explorado comercialmente, a gerar lucro.

O documentário recebeu os prêmios de melhor direção no Festival de Gramado, Grande Prêmio do Festival de Cinema da Cidade do México e Melhor Roteiro, Melhor Filme do Júri Oficial e Melhor Filme do Júri Popular no Festival de Brasília de 1983.

³ “*Mato Eles?: uma antropologia às avessas*”. *Olho d’água*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/ São José do Rio Preto São José do Rio Preto, v. 6, n. 2, Jul.–Dez./2014, p. 46. Disponível em <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/265/243>, acesso em 19/02/2017.